

Concepções dos futuros professores sobre a inclusão de alunos com deficiência no sistema regular de ensino¹

Ana Aparecida de Oliveira Machado Barby
Universidade Estadual do Centro-Oeste
Guarapuava - PR

Resumo: O presente estudo teve como objetivo principal descobrir o que pensam os futuros professores da Educação Básica sobre a inclusão de alunos com deficiências no sistema regular de ensino. Procurou-se estabelecer relações entre o processo de formação docente e suas concepções sobre a inclusão escolar. A metodologia utilizada pautou-se numa abordagem qualitativa, com análise dos conteúdos de acordo com Bardin (1977). A coleta dos dados deu-se por meio da aplicação de um questionário, com questões abertas aplicadas a uma amostra aleatória de setenta (70) formandos, sendo sorteados entre os acadêmicos de quatorze turmas (14) dos cursos de licenciatura da Universidade Estadual do Centro-Oeste, Guarapuava. Os resultados obtidos mostram que a maioria dos professores é favorável à inclusão escolar, manifestando interesse em conhecer os recursos metodológicos, linguagens alternativas e participar de eventos nesta área. No entanto, os formandos mostraram-se inseguros em relação à inclusão em decorrência da falta de informações disponibilizadas nos cursos de Licenciatura.

Palavras-chave: Formação de professores. Inclusão de alunos com deficiência.

Abstract: The present study had as main objective to discover what future teachers of Basic Education think about the inclusion of disabled students in the regular system of education. Relations between the process of teaching education and its conceptions about the school inclusion were established. The methodology was based on a qualitative boarding, with analysis of the subjects in accordance with Bardin (1977). The data were collected by means of a questionnaire, with questions applied to a simple random sample of seventy students who will graduate the current year, being drafted between academics of fourteen courses (teaching education course), at Universidade do Centro-Oeste, Guarapuava. The results show that the majority of teachers are favorable about the school inclusion, revealing interest in knowing the methodological resources, alternative languages, and participating on events about this area. However, the students who will graduate in the current year had revealed insecurity regarding the

¹ Texto revisado e alterado que fez parte da Dissertação de Mestrado Inclusão de alunos com deficiência no sistema regular de ensino: o pensar dos futuros professores, defendida pela autora em 13.12.2005, na UFPR.

inclusion in relation to the lack of information received during their teaching education courses.

Key words: Teaching formation. Inclusion of students with deficiency.

1. Introdução

As pessoas com deficiência, por não se enquadrarem no modelo de beleza ou competência construído social e historicamente, foram marginalizadas, eliminadas, discriminadas ou excluídas do meio educacional, ou seja, as sociedades mantiveram o indesejado longe, fosse ele pobre, doente, velho ou deficiente. (PESSOTTI, 1984; SILVA, 1986; BIANCHETTI, 1998; FERREIRA; GUIMARÃES, 2003).

No entanto, no decorrer do século XX, grupos de educadores, pais e defensores dos direitos humanos somaram forças em prol de melhores oportunidades educacionais a todos os alunos. Assim, a partir da segunda metade do século passado, o movimento pela educação inclusiva cresceu e se consolidou no cenário internacional.

No Brasil, a inclusão escolar vinha sendo defendida por alguns grupos minoritários desde os anos 70, porém, só ganhou impulso nas últimas décadas do século XX, contando com o respaldo da Constituição Federal Brasileira de 1988 e da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei nº 9.394/96.

Entretanto, o fato de este alunado ter conquistado o direito legal de estar fisicamente presente no ambiente escolar, embora tenha representado uma conquista histórica, não garantiu as condições necessárias ao desenvolvimento e aprendizagem dos mesmos. Para tanto é necessário que algumas adequações físicas, metodológicas, curriculares e atitudinais sejam implementadas no âmbito da escola regular.

Nesse sentido, é de suma importância a participação dos educadores, atuando como elementos articuladores da inclusão, investindo numa formação pautada nos princípios da diversidade, tolerância, aprendizagem cooperativa e educação para todos.

Pelo exposto, considerando a relevância da ação docente para a efetivação do processo inclusivo, esta investigação tem como objetivo geral, descobrir as concepções dos futuros professores, formandos dos cursos de Licenciatura da UNICENTRO, sobre a inclusão de alunos com deficiência no sistema regular de ensino.

2. Material e Métodos

Utilizou-se como instrumento de pesquisa um questionário com dez questões abertas de caráter descritivo. As questões aqui abordadas se referem à quarta parte do questionário de pesquisa utilizado para a elaboração da Dissertação de Mestrado em Educação desta autora, sendo a análise revista e

alterada para atender as especificações de publicação deste artigo, conforme consta em nota de rodapé.

Os dados coletados foram organizados em categorias de análise segundo Bardin (1977) e apresentados em tabelas. Na seqüência, foram selecionados e analisados alguns depoimentos para exemplificar as categorias criadas. Os sujeitos investigados foram identificados pelo número de questionário, a sigla do curso e do turno: Ciências Biológicas Manhã (CBM), Ciências Biológicas Noite (CBN), Geografia Noite (GN), Educação Física Integral (EFI), Português Literaturas de Língua Portuguesa Noite (LLN), Português Literaturas de Língua Inglesa Noite (LIN), Pedagogia Noite (PN), Pedagogia Manhã (PM), História Noite (HN), Filosofia Noite (FN), Matemática Noite (MN), Matemática Manhã (MM), Química Integral (QI), Física Noite (FISN).

Foram sorteados, para esta investigação, 5 formandos de cada um dos 14 cursos de licenciatura da UNICENTRO, constituindo uma amostra de 70 acadêmicos.

3. Resultados e Discussão

3.1 O que representa a inclusão escolar de alunos com deficiência para você?

Na primeira categoria, um direito e uma grande conquista, para acabar com o preconceito, com 67,1%, estão indivíduos que não estipularam condições para a efetivação deste processo, como ilustram estes depoimentos: “Que a escola é para todos, e todos tem o mesmo direito.” (1PM). “Importantíssimo, pois o tratamento deve ser o mesmo dispensado para todos os alunos.” (5MN).

Historicamente, a segregação começou a ser questionada quando os diferentes se fizeram presentes no meio educacional, lutando pelo direito à educação e à cidadania. No entanto, incluir é muito mais que colocar junto ou proclamar um discurso inflamado em prol dos direitos humanos. É preciso lutar para que os recursos sejam inerentes ao próprio ato de incluir não se restringindo à mera aplicação de técnicas.

A segunda categoria reuniu os 15,7%, que, apesar de favoráveis, consideraram um avanço, desde que a escola e os professores estejam preparados para a inclusão: “Desde que o professor seja apto a dar aula, a inclusão é de extrema importância.” (3EFI). “Acredito ser uma questão séria, que muitas vezes vem sendo mal interpretada nas escolas, acredito que incluir é providenciar meios. Sempre valorizando conquistas e superando obstáculos.” (3PN).

Estes formandos preocuparam-se com a forma como a inclusão vem se efetivando no meio educacional, alertando para a urgência das adequações materiais, dos recursos humanos. No entanto, há o risco de se idealizar a estrutura escolar como condição suficiente, fato que tornaria o processo inclusivo utópico e impraticável, “Um avanço para o qual, ainda, não estamos preparados.” (1HN).

Entre, os 17,1% que não acreditam na inclusão em função das barreiras estruturais e metodológicas, 11,4%, considerou que a inclusão representa uma grande dificuldade: escolas desestruturadas e professores despreparados, fornecendo respostas como: “Será uma grande dificuldade, pois os professores não estão preparados.” (2CBN). “Nesta situação em que a educação e as escolas se encontram, representa um sério mascaramento da realidade. Não há como trabalhar nestas condições, onde não é possível dar atenção nem mesmo a todos os 30 a 50 alunos, sendo que o aluno especial exige ao menos que o professor medie sua interação com os outros.” (3CBM).

Os 5,7% restantes, consideraram a inclusão uma proposta absurda, imposta pelo governo; apenas um formando posicionou-se contra sem justificar sua opinião: Acho que deveria ter salas especiais. Não concordo. (3FISN). Os demais atribuíram à ação do governo: Uma maneira do governo se promover. (3CBN). Falta de interesse de estruturar uma educação especial direcionada para esse alunado, do governo. (5HN).

Resta saber se os futuros professores se sentem preparados para ensinar aos demais alunos, que apesar de identificados como normais, atualmente engrossam as filas dos desistentes, reprovados, os diplomados semi analfabetos.

Tabela 1 – Distribuição de freqüências e percentuais relativos ao que representa a inclusão para os futuros professores

Cursos	O que representa a inclusão escolar de alunos com deficiência para você?									
	Um direito e uma grande conquista, para acabar com o preconceito		Um avanço, desde que a escola e os professores estejam preparados para a inclusão		Uma grande dificuldade: escolas desestruturadas, professores despreparados		Uma proposta absurda, imposta pelo governo		Total	
	F	%	F	%	F	%	F	%	F	%
Ciências Biológicas M.	2	40,0	2	40,0	1	20,0	0	0,0	5	100,0
Ciências Biológicas N.	1	20,0	2	40,0	1	20,0	1	20,0	5	100,0
Geografia Noturno	5	100,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	5	100,0
Educação Física Integral	2	40,0	2	40,0	0	0,0	1	20,0	5	100,0
Português Literatura N.	4	80,0	0	0,0	1	20,0	0	0,0	5	100,0
Português Inglês Noturno	2	40,0	1	20,0	2	40,0	0	0,0	5	100,0
Pedagogia Noturno	3	60,0	1	20,0	1	20,0	0	0,0	5	100,0
Pedagogia Matutino	5	100,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	5	100,0
História Noturno	2	40,0	2	40,0	0	0,0	1	20,0	5	100,0
Filosofia Noturno	4	80,0	0	0,0	1	20,0	0	0,0	5	100,0
Matemática Matutino	5	100,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	5	100,0
Matemática Noturno	3	60,0	1	20,0	1	20,0	0	0,0	5	100,0
Química Integral	5	100,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	5	100,0
Física Noturno	4	80,0	0	0,0	0	0,0	1	20,0	5	100,0
TOTAL	47	67,1	11	15,7	8	11,4	4	5,7	70	100,0

Legenda: F é o número de respostas

3.2 Leu alguma publicação a respeito da inclusão de alunos com deficiência no sistema regular de ensino? Qual?

Quando foram investigadas as fontes de informação sobre inclusão a que os formandos tiveram acesso, constatou-se que apenas 30% teve contato com a temática. Destes, 17,1% leu artigos em revistas, jornais ou internet e 4,2% livros; 4,2% leu mas não especificou as fontes e 4,2% assistiu à reportagens na TV; 2,8% não respondeu e 67,1% não leu nem assistiu a programas sobre a inclusão escolar. (Tabela 2).

Portanto, foi possível inferir que a maioria dos futuros professores, construiu suas concepções sobre a educação inclusiva a partir de informações superficiais e desconexas, muitas vezes divulgadas pelos meios de comunicação de massa, pelo senso comum, ou ainda, através de discussões sem aprofundamento teórico, nem experiência prática, como denuncia a resposta do formando: “Sim, pois a universidade não prepara o professor, tendo este então que buscar recursos fora do curso.” (3EFI).

Tabela 2 – Distribuição de frequências e percentuais relativos à leitura de publicações a respeito da inclusão

Cursos	Leu alguma publicação a respeito da inclusão?												TOTAL	
	Jornais, revistas, internet		Livros		Leu, não especificou		Assistiu reportagens na TV		Não Respondeu		Não leu nem assistiu			
	F	%	F	%	F	%	F	%	F	%	F	%	F	%
Ciências Biológicas Matutino	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	1	20,0	4	80,0	5	100,0
Ciências Biológicas Noturno	0	0,0	0	0,0	1	20,0	1	20,0	0	0,0	3	60,0	5	100,0
Geografia Noturno	2	40,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	3	60,0	5	100,0
Educação Física Integral	2	40,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	1	20,0	2	40,0	5	100,0
Português Literatura Noturno	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	5	100,0	5	100,0
Português Inglês Noturno	1	20,0	0	0,0	1	20,0	0	0,0	0	0,0	3	60,0	5	100,0
Pedagogia Noturno	2	40,0	1	20,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	2	40,0	5	100,0
Pedagogia Matutino	2	40,0	2	40,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	1	20,0	5	100,0
História Noturno	0	0,0	0	0,0	1	20,0	0	0,0	0	0,0	4	80,0	5	100,0
Filosofia Noturno	0	0,0	0	0,0	0	0,0	2	40,0	0	0,0	3	60,0	5	100,0
Matemática Matutino	1	20,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	4	80,0	5	100,0
Matemática Noturno	2	40,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	3	60,0	5	100,0
Química Integral	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	5	100,0	5	100,0
Física Noturno	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	5	100,0	5	100,0
TOTAL	12	17,1	3	4,2	3	4,2	3	4,2	2	2,8	47	67,1	70	100,0

Legenda: F é o número de respostas

3.3 Você encontraria dificuldades ou limitações para ensinar alunos com deficiência incluídos? Quais?

Todos os formandos investigados responderam que encontrariam limitações ou dificuldades; destes; 54,2% por desconhecimento dos recursos metodológicos, 21,4% por limitações na comunicação, 8,5% dificuldades pelas escolas desestruturadas e 15,7% a falta de experiência. (Tabela 3)

Os entraves para a inclusão foram associados aos recursos metodológicos necessários em 54,2% dos casos, fato que gerou insegurança e desorientação: “Sim, porque não há um preparo específico na universidade, então isso gera uma insegurança, acabamos olhando de maneira diferente para eles.” (5CBN). “Sim. Nunca tive nenhum preparo para trabalhar com alunos assim. Acho que não teria a mínima idéia de como ensiná-los.” (5FISN).

Alguns formandos julgaram-se incapazes de trabalhar com os alunos incluídos, temendo prejudicá-los: “Sendo que não tenho preparação para trabalhar com esse tipo de aluno, talvez poderia prejudicá-lo.” (4FIL). “Não saberia lidar com uma criança com deficiência e muito menos ensinar.” (5LI).

Enfim, a questão mais citada foi a de como trabalhar, o que fazer, por onde começar, quais os métodos, técnicas e recursos utilizar, evidenciando a necessidade de se oferecerem conhecimentos e informações a respeito da inclusão, características das deficiências, linguagens alternativas e adequações curriculares, em todos os cursos de formação de professores. No entanto, não há receitas ou manuais para ensinar qualquer aluno, tenha ele deficiência ou não. A construção do conhecimento não pode se resumir ao ato de transmitir informações, como sugere o formando (5LL): “Sim, saber a forma de trabalhar com estes alunos, como transmitir o conhecimento.”

A inclusão concentra-se na ação da escola e seu potencial transformador da realidade, não se restringindo a simples aplicação de métodos e técnicas. A respeito do perigo de se considerar um método de ensino para deficientes, como a solução para os problemas de aprendizagem dos alunos incluídos, Pessotti, alerta que não se deve

[...] atrelar o ensino às disponibilidades de ‘material cientificamente preparado’, como se o material ensinasse [...], e, o que é pior como se existisse o material ideal, empacotável; como se, do ponto de vista sensorial, todos os deficientes fossem imutáveis e iguais [...] (1984, p. 192).

Os formandos da segunda categoria, (21,4%) apontaram como limite ou dificuldade, a comunicação e as linguagens alternativas: “Sim, não saber a linguagem de sinais, não compreender Braille, entre outros.” (5CBM). “Teria limitações por falta de conhecimento de linguagens de sinais e outros. (1FISN). Na comunicação com o outro, na relação professor-aluno [...]” (5FIL). “Sim, com a comunicação.” (1MM).

Por sua vez, 8,5% se concentraram na estrutura física das escolas, como segue: “salas superlotadas.” (3CBN). “Turmas com mais de 35 alunos.” (4EF).

“A falta de estrutura física nas instituições de ensino e falta de conhecimento sobre o assunto.” (4HN).

Finalmente, a quarta categoria reuniu as respostas dos 15,7% que se referiram à falta de experiência docente e no ensino de alunos incluídos: “Sim, não ter tido esta experiência antes.” (1QI). “Sim, no começo não sabemos bem como tratar dessas pessoas, adquirimos experiência com a prática.” (2EFI).

Tabela 3 – Distribuição de frequências e percentuais relativos às limitações encontradas pelos futuros professores para ensinar alunos incluídos

Cursos	Limitações ou dificuldades para ensinar alunos incluídos									
	Desconhecimento dos recursos metodológicos		Limitações na comunicação		Dificuldades pelas escolas desestruturadas		Falta de experiência		TOTAL	
	F	%	F	%	F	%	F	%	F	%
Ciências Biológicas Matutino	3	60,0	1	20,0	0	0,0	1	20,0	5	100,0
Ciências Biológicas Noturno	4	80,0	0	0,0	1	20,0	0	0,0	5	100,0
Geografia Noturno	3	60,0	2	4,0	0	0,0	0	0,0	5	100,0
Educação Física Integral	2	40,0	0	0,0	2	40,0	1	20,0	5	100,0
Português Literatura Noturno	5	100,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	5	100,0
Português Inglês Noturno	5	100,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	5	100,0
Pedagogia Noturno	3	60,0	1	20,0	0	0,0	1	20,0	5	100,0
Pedagogia Matutino	2	40,0	1	20,0	0	0,0	2	40,0	5	100,0
História Noturno	3	60,0	0	0,0	2	40,0	0	0,0	5	100,0
Filosofia Noturno	3	60,0	1	20,0	0	0,0	1	20,0	5	100,0
Matemática Matutino	0	0,0	4	80,0	0	0,0	1	20,0	5	100,0
Matemática Noturno	1	20,0	2	40,0	0	0,0	2	40,0	5	100,0
Química Integral	1	20,0	2	40,0	0	0,0	2	40,0	5	100,0
Física Noturno	3	60,0	1	20,0	1	20,0	0	0,0	5	100,0
TOTAL	38	54,2	15	21,4	6	8,5	11	15,7	70	100,0

Legenda: F é o número de respostas

3.4 A formação acadêmica dos professores pode contribuir para que a inclusão de alunos especiais no sistema de ensino regular seja bem sucedida? Justifique

A primeira categoria reuniu os indivíduos que responderam afirmativamente (81,4%): “Sim, eu diria que a formação dos professores é uma ‘peça chave’ para interligar o aluno especial ao aprendizado [...]” (5CBM). “Sim. Desde que a formação acadêmica venha contribuir na prática profissional,

auxiliando no manejo com alunos especiais.” (5PM); “Sim, pois os acadêmicos serão os professores de amanhã, estes podem e devem cobrar de uma formação que vise atingir a realidade social e física de seus alunos.” (2HN). Estes acadêmicos apontaram o curso de formação inicial como estratégia de efetivação da inclusão escolar, porém, alguns reduziram o processo de ensino-aprendizagem a ação do professor, considerado peça chave no manejo, da sala de aula.

A segunda categoria foi negativa, mas referindo-se à formação docente que atualmente não prepara o professor para atuar e promover uma educação inclusiva, representando 18,5%: “[...] os próprios docentes da faculdade desconhecem esse tipo de ensino especial que deve ser aplicado ao aluno.” (3CBN). “[...] os cursos de licenciatura não dão suporte a esse tipo de ensino a alunos incluídos.” (4CBN). “Não é abordado em nenhuma disciplina a maneira como trabalhar com esses alunos.” (3CBM).

No geral, os futuros professores levantaram, em vários momentos do questionário, diferentes aspectos com relação à atual formação acadêmica, que não atende à diversidade, nem oferece os conhecimentos, informações ou momentos de discussão sobre a inclusão escolar.

Tabela 4 – Distribuição de frequências e percentuais relativos às contribuições da formação acadêmica para a inclusão escolar

Cursos	Contribuições da formação acadêmica dos futuros professores para a inclusão escolar.					
	Sim, preparando os professores para a inclusão		Atualmente não os prepara para a inclusão		TOTAL	
	F	%	F	%	F	%
Ciências Biológicas Matutino	3	60,0	2	40,0	5	100,0
Ciências Biológicas Noturno	3	60,0	2	40,0	5	100,0
Geografia Noturno	5	100,0	0	0,0	5	100,0
Educação Física Integral	2	40,0	3	60,0	5	100,0
Português Literatura Noturno	5	100,0	0	0,0	5	100,0
Português Inglês Noturno	4	80,0	1	20,0	5	100,0
Pedagogia Noturno	4	80,0	1	20,0	5	100,0
Pedagogia Matutino	4	80,0	1	20,0	5	100,0
História Noturno	5	100,0	0	0,0	5	100,0
Filosofia Noturno	4	80,0	1	20,0	5	100,0
Matemática Matutino	4	80,0	1	20,0	5	100,0
Matemática Noturno	4	80,0	1	20,0	5	100,0
Química Integral	5	100,0	0	0,0	5	100,0
Física Noturno	5	100,0	0	0,0	5	100,0
TOTAL	57	81,4	13	18,5	70	100,0

Legenda: F é o número de respostas

3.5 De que maneira você acredita que a discussão sobre uma educação para todos e a inclusão de alunos com deficiência poderia ser efetivada dentro da Universidade?

Para, 22,8%, incluindo a discussão nas disciplinas dos seus cursos de licenciatura, como revelam os seguintes depoimentos: “Fazendo com que os professores universitários abordem mais esse tema, ...” (1QI); “A inclusão deve ser abrangida desde o primeiro momento em que se entra na Faculdade. Deve fazer parte do currículo de Pedagogia no geral, deve ser ofertado a todos os cursos pois a inclusão é geral.” (4PN).

Outros 22,8%, defenderam a criação de uma disciplina específica: “Deveria ser obrigatório disciplinas sobre a inclusão desses alunos, em todos os cursos de licenciatura.” (2FN). “[...] incluindo nas grades curriculares dos cursos de licenciatura uma disciplina específica para a educação especial, voltada para cada curso.” (1MN).

Vale ressaltar que a implantação de uma disciplina é uma estratégia importante, mas não deve ser a única, precisa fazer parte de um plano de ações, que se multipliquem dentro das instituições de Ensino Superior. Afinal, trabalhar numa perspectiva inclusiva não pode ficar encargo de um único professor ou disciplina, deve permear as licenciaturas, impregnando os currículos e as ações de todos os professores.

37,1%, propuseram a oferta de atividades complementares: cursos, palestras, seminários, projetos acadêmicos ou em Pós-Graduação: “Principalmente palestras, micro-estágios nas escolas que possuem estes alunos.” (3MN). “Através de cursos, palestras.” (4QI). “Através de seminários com pessoas que pudessem dar uma orientação, ampliar a visão e até despertar o nosso interesse para essa área.” (1LL).

Essas atividades, certamente, representam uma importante estratégia para a divulgação dos princípios de uma sociedade mais justa e igualitária.

Finalmente, 17,1% forneceram respostas variadas, abrangendo diversos aspectos da formação docente, que implicam inclusão: “É muito difícil levar um aluno com deficiência visual para o mesmo lugar onde estão aqueles que enxergam. O ideal na minha opinião é que deveria haver universidades especiais para que somente esses alunos estudassem.” (1EF). “Não acredito em projetos vindo ‘de cima para baixo’. Penso que deveriam existir matérias optativas e o aluno que se sentisse a vontade, fazer a opção.” (3FLN). Estas respostas denunciam o ranço segregacionista e positivista que ronda os cursos de licenciatura, estipulando um mesmo lugar onde todos devem ser levados, relegando a diferença às universidades especiais e condicionando o direito de inclusão à vontade ou opção de alguns.

Contudo, o mais importante é que 82,7% dos futuros professores sugeriram formas de inserir esta discussão dentro da Universidade, junto aos cursos de licenciatura, evidenciando o interesse da grande maioria, em enfrentar

desafios e buscar novos caminhos para atender à diversidade que caracteriza a comunidade escolar atualmente, nas palavras do formando 2FISN: “Dando oportunidades iguais a quem a vida deu caminhos diferentes.”

Tabela 5 – Distribuição de frequências e percentuais relativos às maneiras de efetivar a discussão sobre a educação para todos e a inclusão na Universidade

Cursos	Incluir a discussão nas disciplinas dos cursos		Criar uma disciplina específica		Cursos, palestras, seminários, projetos, pós-graduação		Outras respostas		Total	
	F	%	F	%	F	%	F	%	F	%
	Ciências Biológicas Matutino	2	40,0	1	20,0	1	20,0	1	20,0	5
Ciências Biológicas Noturno	1	20,0	1	20,0	2	40,0	1	20,0	5	100,0
Geografia Noturno	0	0,0	1	20,0	3	60,0	1	20,0	5	100,0
Educação Física Integral	1	20,0	1	20,0	2	40,0	1	20,0	5	100,0
Português Literatura Noturno	0	0,0	0	0,0	3	60,0	2	40,0	5	100,0
Português Inglês Noturno	0	0,0	3	60,0	0	0,0	2	40,0	5	100,0
Pedagogia Noturno	3	60,0	2	40,0	0	0,0	0	0,0	5	100,0
Pedagogia Matutino	1	20,0	1	20,0	3	60,0	0	0,0	5	100,0
História Noturno	3	60,0	1	20,0	1	20,0	0	0,0	5	100,0
Filosofia Noturno	1	20,0	1	20,0	1	20,0	2	40,0	5	100,0
Matemática Matutino	0	0,0	2	40,0	3	60,0	0	0,0	5	100,0
Matemática Noturno	1	20,0	2	40,0	2	40,0	0	0,0	5	100,0
Química Integral	3	60,0	0	0,0	1	20,0	1	0,0	5	100,0
Física Noturno	0	0,0	0	0,0	4	80,0	1	20,0	5	100,0
TOTAL	16	22,8	16	22,8	26	37,1	12	17,1	70	100,0

Legenda: F é o número de respostas

3.6 Em sua opinião, onde deveriam estudar os alunos com deficiência? Explique

Revelaram-se favoráveis à inclusão 71,4% dos formandos, como mostram os relatos: “No mesmo lugar em que estudam os alunos sem deficiência, pois a educação é para todos.” (4PM). “Sou a favor da inclusão, pois a convivência, o exemplo, a observação, o diferente, tudo isso acrescenta.” (1LL). “Em qualquer escola que possua professores capacitados p/trabalhar com esses alunos.” (2EFI). “No ensino regular, desde que os professores e a escola toda estivesse preparada para recebê-los.” (1PM).

Vale destacar o depoimento do formando (5PN): “Na escola que eles escolhessem.” Afinal, todos têm esse direito, com exceção dos alunos com deficiência que precisam ser avaliados por uma equipe de profissionais que decidirá onde devem estudar, muitas vezes em escolas fora do seu bairro, longe da vizinhança.

Entre os 28,5% que elegeram o ensino segregado, (11,4%) indicaram as classes especiais e (17,1%) as escolas especiais. Algumas respostas citadas na sequência exemplificam as justificativas deste grupo: “Em instituições próprias para esse fim, onde possam ter a atenção que necessitam, não haverá inclusão e sim maior exclusão no ensino regular, já que não poderão acompanhar os outros alunos.” (3CBN). “Em escolas especiais, onde houvesse estrutura para recebê-los e onde os professores poderiam dar uma atenção individual.” (5HN). “Em escolas, mas com um pavilhão de classes específicas [...]” (1FN). “No colégio com os demais alunos, mas em uma sala especial e com um professor habilitado.” (2HN).

Pelos relatos, pode-se observar a preocupação dos formandos com o repasse de conteúdos, conceitos e princípios teóricos, onde os alunos terão de provar que, são capazes de acompanhar do contrário irão para o pavilhão das classes específicas.

As escolas especiais proliferaram ao longo do século XX e os alunos matriculados nessas instituições, não raras vezes, passaram a vida confeccionando artesanato em oficinas pedagógicas ou em programas de escolaridade fundamentados na teoria comportamental, sem alcançar a autonomia ou a independência. Os deficientes mentais permaneceram por mais tempo nestas instituições, e ainda hoje, são considerados o nó da inclusão, em decorrência da descrença de alguns pais e educadores em seu potencial de aprendizagem e pela falta de investimento do sistema público de ensino em estrutura física, material, tecnológica e pedagógica.

Tabela 6 – Distribuição de frequências e percentuais relativos aos locais onde deveriam estudar os alunos com deficiência na opinião dos futuros professores

Onde deveriam estudar os alunos com deficiência.								
Cursos	Escolas regulares		Classes especiais		Escolas especiais		TOTAL	
	F	%	F	%	F	%	F	%
Ciências Biológicas Matutino	4	80,0	1	20,0	0	0,0	5	100,0
Ciências Biológicas Noturno	3	60,0	1	20,0	1	20,0	5	100,0
Geografia Noturno	4	80,0	0	0,0	1	20,0	5	100,0
Educação Física Integral	3	0,0	0	0,0	2	40,0	5	100,0
Português Literatura Noturno	4	80,0	1	20,0	0	0,0	5	100,0
Português Inglês Noturno	3	60,0	1	20,0	1	20,0	5	100,0
Pedagogia Noturno	3	60,0	1	20,0	1	20,0	5	100,0
Pedagogia Matutino	5	100,0	0	0,0	0	0,0	5	100,0
História Noturno	3	60,0	1	20,0	1	20,0	5	100,0
Filosofia Noturno	3	60,0	1	20,0	1	20,0	5	100,0
Matemática Matutino	3	60,0	0	0,0	2	40,0	5	100,0
Matemática Noturno	5	100,0	0	0,0	0	0,0	5	100,0
Química Integral	4	80,0	0	0,0	1	20,0	5	100,0
Física Noturno	3	60,0	1	20,0	1	20,0	5	100,0
TOTAL	50	71,4	8	11,4	12	17,1	70	100,0

Legenda: F é o número de respostas

3.7 Que informações ou conhecimentos você julga necessários, para ensinar a sua disciplina, a este alunado?

Entre os formandos que se mostraram preocupados em conhecer as diferenças apresentadas pelos alunos incluídos, (20,0%) se concentrou nas características das deficiências, (10,0%), nas dificuldades e limites dos alunos incluídos, como segue: “Conhecimentos sobre a deficiência (específicos) para poder entender as necessidades reais desses alunos.” (1PM). “Conhecimentos específicos de suas deficiências, sejam eles biológicos, psicológicos e sociais, pois são necessários princípios para os integrá-los.” (4EFI). “Simplesmente conhecer as limitações de cada deficiência e respeitá-las.” (4CBN). “É necessário conhecimento sobre as limitações destes, e sobre como agir diante destas dificuldades.” (1CBM).

Os futuros professores revelaram interesse sobre a etiologia das deficiências e suas principais características. Sem colocar em questão a relevância dessas informações, é preciso que o professor tenha cuidado para não desviar-se do seu objetivo principal, que é o processo de ensino, para não incorrer nos erros do passado, tratando a deficiência como doença e a educação como tratamento.

Tabela 7 – Distribuição de frequências e percentuais relativos às informações ou conhecimentos considerados necessários para ensinar alunos incluídos

Cursos	Conhecimentos ou informações necessárias para ensinar os alunos incluídos									
	Características das deficiências		Dificuldades e limites dos alunos		Recursos metodológicos		Não identificaram		TOTAL	
	F	%	F	%	F	%	F	%	F	%
Ciências Biológicas Matutino	2	40,0	1	20,0	2	40,0	0	0,0	5	100,0
Ciências Biológicas Noturno	0	0,0	2	40,0	2	40,0	1	20,0	5	100,0
Geografia Noturno	0	0,0	1	20,0	3	60,0	1	20,0	5	100,0
Educação Física Integral	2	40,0	1	20,0	2	40,0	0	0,0	5	100,0
Português Literatura Noturno	1	20,0	0	0,0	4	100,0	0	0,0	5	100,0
Português Inglês Noturno	1	40,0	0	0,0	1	20,0	3	60,0	5	100,0
Pedagogia Noturno	3	60,0	0	0,0	2	40,0	0	0,0	5	100,0
Pedagogia Matutino	2	40,0	1	20,0	2	40,0	0	0,0	5	100,0
História Noturno	1	20,0	0	0,0	2	40,0	2	40,0	5	100,0
Filosofia Noturno	0	0,0	0	0,0	3	60,0	2	40,0	5	100,0
Matemática Matutino	1	20,0	1	20,0	3	60,0	0	0,0	5	100,0
Matemática Noturno	0	0,0	0	0,0	3	60,0	2	40,0	5	100,0
Química Integral	1	20,0	0	0,0	4	80,0	0	0,0	5	100,0
Física Noturno	0	0,0	0	0,0	2	40,0	3	60,0	5	100,0
TOTAL	14	20,0	7	10,0	35	50,0	14	20,0	70	100,0

Legenda: **F** é o número de respostas

A terceira categoria com 50% das respostas, reuniu os que julgaram necessário obter informações a respeito dos recursos metodológicos, de como ensinar os alunos incluídos: “Dinâmicas alternativas e mais ilustrativas para que ele desenvolva a parte do raciocínio e observação.” (2CBM). “Metodologias diferenciadas.” (5PM). “Como, de que maneira, que recursos devo utilizar para ensinar esse aluno.” (4QI).

Sem dúvida, os recursos metodológicos são importantíssimos para a efetivação da inclusão, mas a simples exposição do sujeito a estímulos selecionados e reforçadores, não é suficiente para que o conhecimento seja construído. Ao que parece, muitos profissionais ainda buscam nas técnicas de ensino a fórmula secreta para transmitir o conhecimento, como garantia de sucesso.

A última categoria foi formada por respostas variadas que não puderam ser enquadradas nas demais por não identificarem quais os conhecimentos ou informações necessárias, somando (20,0%), conforme demonstram esses relatos: “Não tenho noção.” (2FN). “No momento todas as possíveis.” (2MN). “Ainda não faço idéia.” (4LI). “Não sei.” (5FN). “Acredito que antes da informação ou conhecimento, é necessário entrega, paciência, carinho.” (5CBN). “Não creio que os conhecimentos sejam suficientes o importante é o sentimento.” (3FN). (Tabela 7).

3.8 Você se sente seguro para ensinar alunos com necessidades educacionais especiais incluídos? Por quê?

Os futuros professores, que disseram se sentirem seguros para ensinar os alunos incluídos (10,0%), apoiaram-se na experiência profissional, no fato de encararem a inclusão como um desafio ou por confiarem no apoio da família e da escola. forneceram respostas como: “Hoje sim, já possuo prática. Trabalho com DM e já adquiri experiência e conhecimento das necessidades dele.” (2EFI). “Sim, quando há um apoio da escola, da família, o trabalho com o aluno incluso acontece da mesma forma que com os alunos normais.” (5PM).

Tabela 8 – Distribuição de frequências e percentuais relativos aos futuros professores que se sentem seguros para ensinar alunos incluídos

Cursos	Você se sente seguro para ensinar os alunos incluídos?							
	Sim		Não, por desconhecer os métodos e técnicas		Não, por falta de experiência		TOTAL	
	F	%	F	%	F	%	F	%
Ciências Biológicas Matutino	0	0,0	3	60,0	2	40,0	5	100,0
Ciências Biológicas Noturno	0	0,0	5	100,0	0	0,0	5	100,0
Geografia Noturno	0	0,0	4	80,0	1	20,0	5	100,0
Educação Física Integral	3	60,0	2	40,0	0	0,0	5	100,0
Português Literatura Noturno	0	0,0	3	60,0	2	40,0	5	100,0
Português Inglês Noturno	0	0,0	4	80,0	1	20,0	5	100,0
Pedagogia Noturno	0	0,0	4	80,0	1	20,0	5	100,0
Pedagogia Matutino	1	20,0	2	40,0	2	40,0	5	100,0
História Noturno	0	0,0	5	100,0	0	0,0	5	100,0
Filosofia Noturno	0	0,0	4	80,0	1	20,0	5	100,0
Matemática Matutino	0	0,0	5	100,0	0	0,0	5	100,0
Matemática Noturno	0	0,0	5	100,0	0	0,0	5	100,0
Química Integral	1	20,0	3	60,0	1	20,0	5	100,0
Física Noturno	2	40,0	2	40,0	1	20,0	5	100,0
TOTAL	7	10,0	51	72,8	12	17,1	70	100,0

Legenda: F é o número de respostas

Ao contrário, os que se revelaram inseguros, concentraram-se no fato de desconhecerem os métodos e técnicas especiais e na inexperiência profissional (89,9%), como segue: “Não, já que não tive nenhuma disciplina que me orientasse para isso.” (2QI). “Não, acharia sempre que ele não estaria me entendendo, não teria segurança do aprendizado dele.” (5QI). “Não, porque a Universidade, não nos dá condições de trabalhar com os alunos especiais.” (2LIN). “Não. Porque quase não tenho experiência em sala de aula, tanto com os ‘normais’ quanto com os deficientes não tenho segurança ainda.” (3PM). “Não, [...] pela inexperiência.” (1LL). (Tabela 8).

A concepção apresentada pelo formando (1EFI), “Acho que não são quaisquer professores que tem jeito para trabalhar com esses alunos, então acredito ter uma noção básica, mas para esse trabalho as pessoas tem que ter um dom.” denuncia o ranço assistencialista, para o qual o professor inclusivo é um missionário ou predestinado.

3.9 Você gostaria de participar de algum evento, curso, discussões ou grupo de estudos nesta área. Quais?

Tabela 9 – Distribuição de frequências e percentuais relativos aos formandos que gostariam de participar de cursos, palestras ou grupos de pesquisa na área da educação inclusiva.

Cursos	Não		Sim, cursos, palestras, eventos, metodologias alternativas		Não respondeu		TOTAL	
	F	%	F	%	F	%	F	%
	Ciências Biológicas Matutino	0	0,0	5	100,0	0	20,0	5
Ciências Biológicas Noturno	0	0,0	4	80,0	1	20,0	5	100,0
Geografia Noturno	0	0,0	5	100,0	0	20,0	5	100,0
Educação Física Integral	0	0,0	5	100,0	0	20,0	5	100,0
Português Literatura Noturno	0	0,0	5	100,0	0	40,0	5	100,0
Português Inglês Noturno	1	20,0	4	80,0	0	40,0	5	100,0
Pedagogia Noturno	0	0,0	5	100,0	0	0,0	5	100,0
Pedagogia Matutino	0	0,0	5	100,0	0	0,0	5	100,0
História Noturno	0	0,0	5	100,0	0	0,0	5	100,0
Filosofia Noturno	0	0,0	5	100,0	0	40,0	5	100,0
Matemática Matutino	1	20,0	4	80,0	0	0,0	5	100,0
Matemática Noturno	1	20,0	4	80,0	0	0,0	5	100,0
Química Integral	0	0,0	5	100,0	0	0,0	5	100,0
Física Noturno	2	0,0	3	60,0	0	20,0	5	100,0
TOTAL	5	7,1	64	91,4%	1	1,4	70	100,0

Legenda: F é o número de respostas.

A primeira categoria reuniu as respostas negativas, com 7,1%; a segunda, as positivas, representando 91,4 %, e a terceira com 1,4% que não respondeu.

Estes percentuais evidenciam que os futuros professores estão em busca dos meios para trabalhar com a diversidade e a inclusão. Constituindo assim uma importante oportunidade de implementar ações neste sentido, no meio universitário. (Tabela 9).

3.10 Esta questão propôs duas situações concretas de inclusão:

a) Suponhamos que você receba um aluno cego incluído em uma de suas turmas do Ensino Fundamental. O que você faria? Como ensinaria os conteúdos da sua disciplina? Que recursos utilizaria? Como poderia aproveitar esta situação, em benefício dos colegas, professores e da escola?

b) Se o aluno incluído em uma de suas turmas do Ensino Fundamental fosse diagnosticado como deficiente mental. O que você faria? Como o ensinaria? Que recursos utilizaria?

Foram selecionados aleatoriamente dois relatos para serem analisados:

a) “Sinceramente não saberia como trabalhar. A Biologia é essencialmente visual, é muito difícil descrever uma célula sem demonstrá-la visualmente, por exemplo, teria de recorrer a alguém mais experiente no assunto.” (3 CBN).

b) “Ficaria ainda mais perdido que na situação anterior. Atualmente já é difícil ensinar em uma classe com 40 alunos normais, a um deficiente então... (sic) Minha opinião é que esses alunos deveriam ter classes especiais. Provavelmente eu ignoraria o aluno se visse que o mesmo não teria condições de acompanhar o restante, já que a prioridade é pelos 40 que têm chances reais de concorrer no mercado de trabalho.” (3 CBN).

Este depoimento evidencia que o professor, que não tem clareza do real significado histórico, social e educacional da inclusão, não concebe o ensino em relação à diversidade escolar e desiste do aluno incluído. Neste caso, o futuro professor, revelou uma concepção fatalista e predeterminada da aprendizagem do aluno, profetizando que ele não teria chances reais de concorrer no mercado de trabalho.

Para os futuros professores que mantêm concepções semelhantes à descrita anteriormente, o que conta é o processo de transmissão e assimilação de conteúdos sistematizados, entendidos como as ferramentas, ou quem

sabe, as armas necessárias para competir. O objetivo é cultivar o intelecto, a habilidade de assimilar e papagaiar informações.

A esse respeito, Stainback, S.; Stainback, W. (1999, p. 234) alertam:

[...] mesmo que uma criança não consiga aprender nada de matemática ou história, ainda é fundamental que ela seja incluída nas turmas de educação regular, para que todos os alunos tenham oportunidades de aprender o respeito mútuo, o interesse mútuo e o apoio mútuo em uma sociedade inclusiva.

Ao que parece, os futuros professores, até por não vivenciarem a educação inclusiva, em sua formação, têm dificuldades para perceber a diversidade como um ganho para a comunidade escolar. Ainda estão presos à concepção inatista da educação e a conceitos neoliberalistas de produtividade e competitividade. Ross (2004, p. 222), quando analisa os benefícios do aprendizado cooperativo para a comunidade toda enfatiza: “[...] o professor precisa ser menos lecionador e mais gestor do conhecimento, de estratégias de aprendizagem, de desafios e das diferenças entre pessoas.”

Quanto ao segundo depoimento selecionado:

a) “Encontro-me despreparado e impotente, mas, buscarei tal preparação, e recursos para que possa atender as exigências e necessidades deste aluno.” (4 LLN).

b) “Apesar de trabalhar em projeto-abrigo onde moram Crianças Especiais, inclusive, algumas que são psiquiátricas, lamentavelmente encontro-me com muitas dificuldades, e atribuo a responsabilidade deste fato ao sistema.” (4 LLN).

Neste caso o formando atribuiu a desinformação e o despreparo ao sistema. No entanto, trata-se de um profissional que já trabalha com crianças que apresentam deficiência mental, em suas palavras psiquiátricas, mesmo assim revela sentir-se despreparado e impotente, com muita dificuldade. Fato que reafirma a necessidade e urgência de se implementar em ações efetivas, no meio universitário de formação de professores, com vistas a implementar a educação inclusiva.

4. Conclusão

Observa-se que, ao longo da história, homens e mulheres tiveram que se adaptar às condições que o meio lhes oferecia. Assim, envolvidos na luta pela sobrevivência, construíram organizações sociais, material e ideologicamente complexas, permeadas pelos elementos do mundo natural e sobrenatural.

Nesse contexto, as pessoas com deficiência foram tratadas de acordo com as concepções e valores característicos dos meios social e histórico em que viveram, passando pelas fases do extermínio, marginalização e segregação, até a inclusão.

Nos últimos 50 anos, com a revolução tecnológica, com a disseminação das informações e, principalmente, pela luta de vários grupos sociais em prol da democratização da escola e da educação para todos, os alunos com deficiência foram, aos poucos, sendo integrados aos sistemas regulares de ensino.

A partir desse contexto, o presente estudo, teve como objetivo descobrir o que pensam os futuros professores sobre a inclusão escolar deste alunado, tendo em vista que estes profissionais serão os responsáveis pelo ensino dos alunos incluídos.

Para tanto, utilizou-se um questionário de pesquisa semi-estruturado com perguntas abertas, o qual foi aplicado a 70 futuros professores, sorteados entre os formandos de 14 turmas, dos cursos de licenciatura da UNICENTRO, Guarapuava.

Com base nos depoimentos coletados, foi possível concluir que a grande maioria, (Tabela 1) concebe a inclusão como um avanço e uma importante conquista para o sistema educacional, apesar de apontar para a urgente necessidade de se investir em recursos metodológicos e na formação de recursos humanos.

No entanto, 50 formandos, não participaram de cursos, eventos ou projetos nesta área, 40 não tiveram conteúdos ou disciplinas sobre a inclusão e 47 não leram publicações a esse respeito. (Tabela 2).

Essas informações mostram que os futuros professores tiveram acesso muito limitado a informações claras e sistematizadas sobre os princípios da educação inclusiva, e não oportunidades de discussão sobre o trabalho com a diversidade escolar, fato que levou a grande maioria dos profissionais (63 entre 70 sujeitos) a revelarem que se sentem despreparados e inseguros para ensinar os alunos incluídos. (Tabela 8).

Assim, todos os futuros professores afirmaram que encontrariam limitações para ensinar esses alunos em relação aos recursos metodológicos, às formas de comunicação, à desestrutura das escolas e à falta de experiência na docência.

Com relação às formas de intervenção da Universidade na formação dos futuros professores, com vistas à promoção da inclusão, os formandos sugeriram a implementação de disciplinas específicas, discussão nas disciplinas dos cursos, palestras, seminários, projetos, pós-graduação, mini cursos.

Quanto às informações a serem disponibilizadas, os futuros professores identificaram as características das deficiências, os recursos metodológicos, formas alternativas de comunicação, as dificuldades e os limites de aprendizagem dos alunos incluídos. 64 sujeitos revelaram ter interesse em participar de eventos sobre estas temáticas.

Enfim, este estudo mostrou que a grande maioria dos futuros professores apoia a inclusão, apesar de apontarem os obstáculos estruturais que precisam ser superados para a real efetivação deste processo, bem como a necessidade

de efetivação de uma política inclusiva nos cursos de licenciatura de formação docente para sensibilizar estes profissionais, promovendo uma educação que seja, de fato, para todos, como propõe a quarta hipótese levantada nesta pesquisa.

Assim, ao encerrar essa discussão, vale ressaltar que 50 formandos (71,4%), afirmaram acreditar que todos os alunos, a despeito de suas características individuais, devem estudar nas escolas do sistema regular de ensino.

5. Referências

BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Trad. de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70; Livraria Martins Fontes, 1977.

BIANCHETTI, L.; FREIRE, I. M. (orgs). *Um olhar sobre a diferença: interação, trabalho e cidadania*. 4. ed. Campinas: Papirus, 1998. p. 21 - 51.

BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil*: promulgada em 5 de outubro de 1988. Juarez de Oliveira (org). 9. ed. São Paulo: Saraiva, 1994.

BRASIL. LDBEN, Lei nº 9394/96 de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Ministério da Educação e do Desporto. Brasília, 1996.

FERREIRA, M. E. C.; GUIMARÃES, M. *Educação inclusiva*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

PESSOTTI, I. *Deficiência mental: da superstição à ciência*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1984.

ROSS, P. Conhecimento e aprendizado cooperativo na inclusão. *Educar em Revista*, Curitiba, PR: UFPR, n. 23, p. 203 – 224, jun. 2004.

SILVA, O. M. da. *A epopéia ignorada: a pessoa deficiente na história do mundo de ontem e de hoje*. São Paulo: CEDAS, 1986.

STAINBACK S.; STAINBACK, W. *Inclusão: um guia para educadores*. Trad. Magda França Lopes. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.